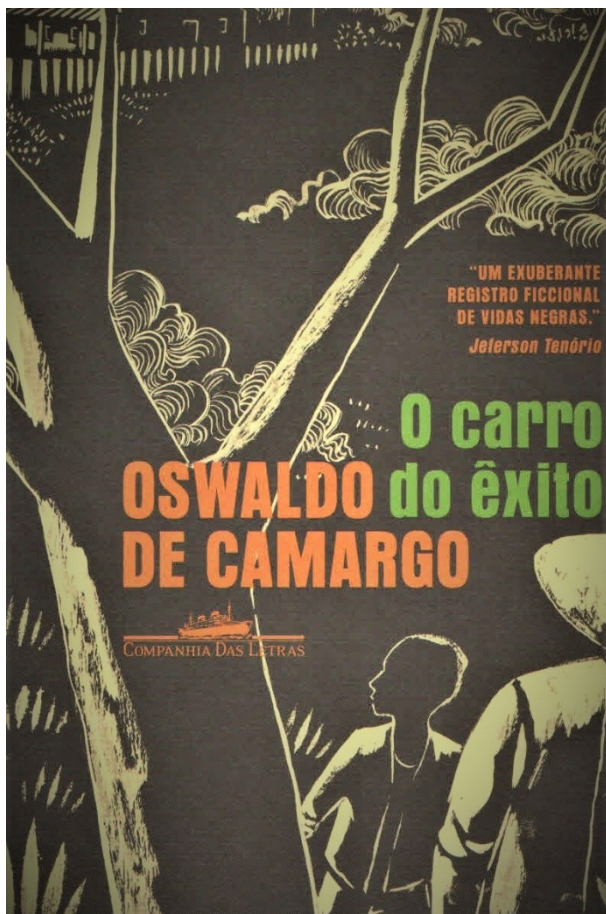


A escrita (auto) ficcional de Oswaldo de Camargo em *O carro do êxito*

Érica Luciana de Souza Silva*



– *E você acha que poemas resolvem?
O pessoal chega ali,
senta-se nos bancos,
com o Zumbi olhando,
leem, declamam,
perguntam ao Luandino
se podia dar uma olhada
no que escreveram.
O Luandino orienta,
é claro, o grupo.
Mas, é um grupinho
que escreve poemas...*
– *Quer dizer, então, que
o pessoal dos poemas
viu o Josué
com a doença do frio
que só ataca crioulos...*

Oswaldo de Camargo
A descoberta do frio
2011

O livro *O carro do êxito*, de Oswaldo de Camargo, teve sua primeira publicação em 1972, pela Editora Martins. Em 2016, houve nova publicação pela editora Córrego e, atualmente, o texto foi reeditado em 2021 pela Companhia das Letras, sendo a obra mais recente acrescida de alguns textos escolhidos pelo autor.

Oswaldo de Camargo é um dos mais representativos intelectuais negros contemporâneos. Sua escrita intimista, permeada pela dor, angústia, humilhação e marginalização originários do histórico escravocrata da sociedade brasileira, coloca o negro brasileiro em evidência e lhe permite ser ouvido pela elite cultural brasileira.

O título da obra, *O carro do êxito*, faz uma referência direta ao livro de Mário de Andrade, *O carro da miséria*, contrapondo-o. Em sua obra, Camargo, reúne contos que foram escritos durante a ditadura. Em alguns, os fatos narrados se misturam com as experiências do autor. O cenário que aparece nas narrativas é a cidade de São Paulo e é nesta metrópole que Camargo descreve as várias desigualdades sociais que assolam, especialmente, a população afrodescendente brasileira. Nos contos, um grande diferencial: a presença do negro enquanto sujeito literário, conhecedor dos problemas e lutas sociais que precisa travar para não ser

aniquilado, mas consciente que há à sua frente um caminho de êxito que pode e precisa ser trilhado.

Em cada conto a presença de um narrador que transita por inúmeras paisagens. Reunidos, eles traçam o perfil de Camargo, indo do menino filho de catadores de café no interior paulista, passando por orfanatos e conventos, até chegar no ponto em que se encontra hoje: um intelectual e escritor negro reconhecido pela crítica. No meio da trajetória, há o Camargo que tocava órgão na Igreja de Nossa Senhora dos Homens Pretos, o Camargo revisor do jornal *O Estado de São Paulo* e organizador da revista *Niger*, o Camargo que fez parte do Movimento Negro paulista e do grupo Quilombhoje e, por fim, o autor que escreveu nos *Cadernos Negros*.

Toda essa diversidade cultural e identitária é refletida nos contos como o “Menino do Oboé”, em que um garoto negro, para espanto de todos, toca um instrumento considerado difícil de se aprender. A narrativa de Paulinho expõe a sociedade que duvida do potencial intelectual de um menino negro e acredita que ele apenas terá sucesso se for apadrinhado por alguém importante. No conto “Negritude” temos o narrador que lança a verdade aos olhos do narrador: a negritude é o resultado de quatrocentos anos de escravidão. Em “Niger”, Camargo escreve uma auto ficção ao dizer que era um dos rapazes que escreviam para a revista que dá nome ao conto e explica o que é o periódico: um informativo do coletivo negro de São Paulo. A percepção de auto ficção também se encontra presente no conto “Maralinga”, quando, por meio da narrativa, episódios da infância do narrador são trazidos para o texto. As lembranças ali destacadas refletem a dor na alma do narrador-personagem. Por fim, o conto “Civilização” traz expressões que desnudam a alma do escritor negro brasileiro, entre elas, destacam-se aquelas que fazem referência ao fato de que a existência do narrador estava apodrecendo, ou que sua vida teria um voo breve, ou ainda quando descreve o seu grito como uma atitude solitária e quase inaudível, representando sua própria aparência física: feia, a qual reflete um negro com profundas fendas e cheio de complexos.

Ao pensar na atual sociedade brasileira, entrecortada pelo racismo profundamente enraizado no histórico escravocrata do país, vemos que a leitura de *O carro do êxito* é necessária e atual, pois somos levados a revisitar e reler dores antigas, mas tão vivas e doloridas quanto um profundo corte na carne. A obra torna-se um espaço de saber com indicações de possíveis caminhos na busca da cura dessas feridas. Uma das dicas aparece no livro *O estranho*, do mesmo autor, no formato de um convite feito pelo negro: “... O Estranho, sem a menor arrogância, com toda humildade, convida-nos a sentarmos à sua mesa e provarmos do seu pão.” (CAMARGO, 1984, p.11). É desta forma que concluímos: *O carro do êxito é a obra que não pode faltar no repertório daqueles que travam a luta antirracista na sociedade brasileira*.

Rio de Janeiro, novembro de 2021

Referências

- CAMARGO, Oswaldo de. *A descoberta do frio*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.
- CAMARGO, Oswaldo de. *O carro do êxito*: contos. São Paulo: Martins, 1972.
- CAMARGO, Oswaldo de. *O carro do êxito*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2021.
- CAMARGO, Oswaldo de. *O estranho*. São Paulo: Ed. Roswitha Kempf, 1984.

SILVA, Érica Luciana de Souza. *Os filhos do dia e da noite: interações e embates estéticos e ideológicos na obra poética de Oswald de Camargo*. Dissertação (Mestrado em Letras, Estudos Literários) – UFJF, Juiz de Fora-MG, 2014.

* Érica Luciana de Souza Silva é Doutora em Letras: Estudos Literários, pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e professora do Instituto Federal Fluminense (IFF).